

ARTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O Ateliê Mágico

Leticia de Oliveira Santos¹
Ana Paula Santos de Oliveira²

Este artigo é o resultado da experiência vivenciada no Estágio Supervisionado II, em Educação Infantil, o qual foi realizado em uma Instituição Pública da Rede Municipal de Ensino em Maceió-AL, a partir de observações e da produção de um projeto de intervenção que contemplasse uma das múltiplas linguagens da Educação Infantil. O projeto foi desenvolvido na turma do Jardim II da referida instituição, sendo uma proposta de intervenção de estudantes do 6º período do curso de Pedagogia sob orientação do supervisor de estágio da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). O projeto intitulado “Artes na Educação Infantil: O Ateliê Mágico” voltou-se para a abertura de um espaço outrora indiferente, que foi exatamente a ação pedagógica nas artes visuais apoiando a criatividade e as iniciativas das crianças. Além disto, a sala de artes “Ateliê Mágico”, foi revitalizada dando continuidade ao trabalho iniciado por estagiárias de semestres anteriores, que também, nessa perspectiva, organizaram um ambiente propício à criação e recriação da arte com sensibilidade, brincadeira e muita imaginação.

Palavras-chave: Educação Infantil. Artes Visuais. Imaginação.

INTRODUÇÃO

O estágio supervisionado em Educação Infantil, proposto pela matriz curricular do curso de Pedagogia, mais precisamente no sexto período, propõe aos graduandos do referido curso, uma experiência que evidencia o papel do pedagogo diante da primeira etapa da educação básica. O ponto mais relevante desse estágio referiu-se à observação e principalmente o desejo de realizar na instituição conveniada, um projeto de intervenção que estabelecesse vínculos significativos entre a teoria e a prática escolar.

Inicialmente foi realizada a observação geral da instituição para que os estagiários tivessem conhecimento total dos ambientes disponíveis. Foram realizadas ainda entrevistas com o corpo docente e a caracterização da turma específica de crianças que seriam contempladas com o projeto. Essas etapas foram de extrema importância para então compreender a dinâmica e o cotidiano da instituição, estabelecendo assim, a elaboração de um projeto que viabilizasse totalmente a prática pedagógica, bem como a aprendizagem das crianças.

¹ Pedagoga, Especialista em Educação Infantil, Mestra em Ensino de Ciências e Matemática pela UFAL. Profa. da Educação básica pela Seduc-AL e Semed/Maceió-AL. Tutora online do PRIL/UFAL *campus* do Sertão. E-mail: leticia.santos@cedu.ufal.br

² Pedagoga, Especialista em Docência na Educação Infantil, Técnica Pedagógica pela SEMED-Maceió. Profa. de educação infantil e das séries iniciais pela SEMED/Maceió-AL. E-mail: anapoliveira@semmed.maceio.al.gov.br

A etapa seguinte consistiu na elaboração de um projeto de intervenção no intuito de estimular, de maneira concomitante, a produção de artes visuais a partir do imaginário da criança. Durante a observação da turma, foi percebido que a prática pedagógica voltada para o desenvolvimento da linguagem artística estava aliada à reprodução simplesmente. Assim, houve a proposta de inovação quanto ao uso desta linguagem, enfatizando os valores artísticos e individuais de cada criança.

A turma contemplada com o projeto era composta de 17 (dezessete) crianças, compreendendo a idade de cinco anos. Apenas uma professora era a responsável pela turma em que sua ação pedagógica correspondia ao planejamento execução semanal das atividades propostas para as crianças. As linguagens eram então trabalhadas de maneira interdisciplinar.

A elaboração do projeto de intervenção associou-se às práticas educativas, demandas da instituição como um todo e o desejo dos estagiários em promover ações satisfatórias à aprendizagem das crianças. Nesse sentido, o projeto teve o objetivo de possibilitar às crianças do jardim II, produções artísticas através da imaginação fazendo uso do ateliê mágico como espaço ideal para as produções.

Como as crianças demonstravam gostar muito da sala de artes, porque naquele ambiente havia muitos brinquedos (bonecas, ursos de pelúcia, carrinhos, bola, entre outros) e materiais para desenvolver a linguagem artística (pinceis, lápis de cor, tinta guache, papel), houve a preocupação de revitalizar esta sala para que as crianças pudessem ter ainda mais momentos prazerosos, com materiais concretos e/ou carregados de muita imaginação.

As sessões eram iniciadas sempre com rodas de conversa no intuito de compartilhar os conhecimentos prévios das crianças, em seguida, havia a apresentação de uma literatura infantil associada à linguagem em questão, dinâmicas de grupo e ao final as crianças realizavam produções artísticas com reflexão e fruição.

A LINGUAGEM ARTÍSTICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A linguagem artística na educação infantil apoia o desenvolvimento de importantes habilidades que serão essenciais para a formação de um caráter sensível e reflexivo. Uma vez oportunizada esta linguagem, "*Ainda é uma realidade, numa grande parcela das escolas em geral, a pequena importância que é dada às atividades artísticas.*" (NICOLAU, 2003, p. 144) as crianças serão encorajadas a explorar sua criatividade além de conhecer e experimentar as diversas misturas e criação de novas cores.

A exploração do objeto e a definição do seu uso permitem relacionar a maneira própria de produção da arte, levando em consideração principalmente as interações que ocorrem nesses momentos de escolha. Promover um trabalho de artes visuais deve-se pensar inicialmente em promover ludicidade, apreciação e principalmente muita diversão.

Observar um desenho feito por uma criança torna-se tarefa um tanto difícil quando o mesmo não está totalmente expresso conforme é estabelecido pelos estereótipos, mas, ao perguntar para a criança de que se trata tal produção, a mesma, sem dúvida, irá definir passo a passo cada detalhe de sua obra, isso é o

que realmente se torna significativo diante do processo de ensino-aprendizagem especialmente na educação infantil.

Métodos arcaicos de ensino infelizmente ainda se fazem presentes nas ações de muitos educadores que indiferentemente, definem todas as ações, formas, cores, limitando assim, a criação/recriação da arte infantil e porque não dizer da própria cultura/identidade?

As crianças em contato com a arte expressam muitas sensações é o que explica (FERREIRA, 2009, p 30 - 31):

As oficinas de construção para as crianças são espaços lúdicos na perspectiva de um fazer criativo. Envolvem a construção de objetos úteis, lúdicos e estéticos (brinquedos, construções e assemblagens). Nesta ação as crianças transformam materiais certamente, mas também ideias, sentimentos, significados simbólicos das brincadeiras.

Entendemos assim que, a criança, em oficinas que exploram a capacidade de criação da própria arte, é capaz de expressar seus pensamentos atraídos pela ludicidade e a linguagem artística em si. Por isso, a arte deve transferir a ideia de satisfação e descobertas da própria imaginação. “*O corpo se põe em movimento ao tempo que a imaginação também o faz.*” (p. 52).

A linguagem artística deve acompanhar cada processo de aprendizagem das crianças. Os momentos destinados às produções dessa linguagem evidenciam nas crianças, a capacidade de imaginar e criar, não num mundo limitado de cores e formas, mas, permitir que as crianças explorem o que for disponibilizado e sejam capazes de ampliar os conhecimentos de mundo, meio social e cultura. (ANTÔNIO E GONÇALVES, 2007).

O projeto viabilizou para a comunidade escolar, a valorização do fazer da criança como processo que auxilia a aprendizagem, dando-lhes um olhar mais apreciador para as produções da arte. (Ostrower, 1996, p. 134) afirma ainda que:

(...) o processo de criar significa um processo vivencial que abrange uma ampliação da consciência; tanto enriquece espiritualmente o indivíduo que cria como também o indivíduo que recebe a criação e a recria para si.

Os educadores da referida instituição puderam dar continuidade à medida em que entenderam a proposta do projeto e, desde então, desejaram explorar as capacidades artísticas das crianças, propiciando variabilidade de expressão e espontaneidade das ações que fazem parte do processo.

O “Ateliê Mágico” é o lugar ideal para desvendar os segredos da imaginação (GIANNOTTI, 2008, p.141): ...” *Um ateliê que se coloca a serviço da nutrição da imaginação e encontra o seu papel principal na abertura de espaço para a liberdade expressiva.*” Assim, entende-se que o ateliê deve alimentar os processos naturais de expressão artística das crianças, o planejamento referente a linguagem deve estar aberto às inovações para conduzir a satisfação das crianças diante de suas produções.

A arte, assim, é a linguagem que revela a natureza dos sujeitos, suas emoções, suas intenções e principalmente a capacidade de estabelecer o contato com o mundo da imaginação.

A RELEVÂNCIA DO AMBIENTE ORGANIZADO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Vários documentos oficiais fazem menção ao espaço nas instituições de educação infantil. Os Parâmetros Básicos de Infraestrutura para Instituição de Educação Infantil – Encarte 1, trazem em seu texto como deve ser cada espaço das instituições, considerando as diferentes faixas etárias.

É preciso refletir sobre o momento de desenvolvimento da criança para organizar as áreas de recreação. Crianças menores necessitam de uma delimitação mais clara do espaço, correndo o risco de se desorganizarem quando este é muito amplo e disperso. Espaços semiestruturados em espaços-atividades contribuirão para a apropriação dos ambientes pelos pequenos usuários. À medida que a criança vai crescendo, esses ambientes poderão ir se expandindo, favorecendo a exploração e o desenvolvimento físico-motor. Sob essa ótica, é importante que nas áreas externas se considere também a escala da criança, suas relações espaciais e sua capacidade de apreensão desse contexto, promovendo a orientação espaço-temporal e a segurança e encorajando as incursões pelas áreas livres. (BRASIL, 2006 p. 26)

As Diretrizes Curriculares nacionais para Educação Infantil (DCNEI) trazem a seguinte orientação em relação à concretização dos objetivos delimitados nas propostas pedagógicas das instituições:

Para efetivação de seus objetivos, as propostas pedagógicas das instituições de educação infantil deverão prever condições para o trabalho coletivo e para organização de materiais, espaços e tempo. (BRASIL, 2010, p 19-20).

No artigo “Criança quer mais do que espaço”, Haddad e Horn (2011) destacam o espaço físico e organizado como propiciador das relações e da ação educativa, enfatizando ainda que, espaços vazios aumentam a aglomeração em torno do adulto. Para as autoras o espaço físico organizado favorece as interações das crianças, além de desempenhar um papel fundamental para formação da identidade e para o desenvolvimento das suas potencialidades. De acordo com o artigo, o espaço organizado com diferentes propostas de interação, desperta a autonomia e a criatividade. O adulto não direciona as ações da criança no sentido de

escolher o que elas devem fazer, são as crianças que fazem suas escolhas individuais. Por outro lado, é o adulto que prepara o espaço deixando-o atrativo e desafiador, além de colaborar e incentivar as crianças em suas escolhas.

Os espaços devem ser preparados considerando as especificidades de cada faixa etária. Isso leva ao exercício de reflexão por parte dos funcionários da instituição, sobretudo dos professores em regência, sobre como se dá o desenvolvimento infantil e sobre o que se deve considerar no sentido de favorecer este desenvolvimento.

De acordo com Wallon, as crianças vivenciam cinco estágios ao longo do seu desenvolvimento e estão em constante transformação. Para cada estágio predomina uma atividade principal. É a prática ou vivência cotidiana com determinada atividade que irá favorecer o desenvolvimento de distintas habilidades.

O meio não pode ser o mesmo em todas as idades. Ele é feito de tudo o que favorece os procedimentos de que a criança dispõe para obter a satisfação de suas necessidades. Mas, por isso mesmo, é o conjunto dos estímulos sobre os quais se exerce e se regula sua atividade. Cada etapa é a um só tempo um momento da evolução mental e um tipo de comportamento. (WALLON, 2010, p 29).

Desse modo, os espaços devem atender aos distintos focos de interesses das faixas etárias vivenciadas, possibilitando às crianças cada vez mais o desenvolvimento da autonomia e da sua socialização. No documento *Parâmetros básicos de infraestrutura para instituições de educação infantil* podemos observar as orientações que o mesmo faz neste sentido:

As crianças de 0 a 1 ano, com seus ritmos próprios, necessitam de espaços para engatinhar, rolar, ensaiar os primeiros passos, explorar materiais diversos, observar, brincar, tocar o outro, alimentar-se, tomar banho, repousar, dormir, satisfazendo, assim, suas necessidades essenciais. Recomenda-se que o espaço a elas destinado esteja situado em local silencioso, preservado das áreas de grande movimentação e proporcione conforto térmico e acústico. O espaço físico para a criança de 1 a 6 anos deve ser visto como um suporte que possibilita e contribui para a vivência e a expressão das culturas infantis – jogos, brincadeiras, músicas, histórias que expressam a especificidade do olhar infantil. Assim, deve-se organizar um ambiente adequado à proposta pedagógica da instituição, que possibilite à criança a realização de explorações e brincadeiras, garantindo-lhe identidade, segurança, confiança, interações socioeducativas e

privacidade, promovendo oportunidades de aprendizagem e desenvolvimento. (BRASIL. 2006, p. 11 - 16)

No vídeo *Organização dos espaços e do tempo* (Univesp TV, 2010), a professora doutora Lenira Haddad declara que os espaços devem ser interessantes e com isso atrair a atenção das crianças. Tanto os espaços internos quanto os externos devem conter ambientes que contemplem os focos de interesse infantil, pois as crianças se reúnem em função dos seus interesses e é o espaço que ajuda na organização destes, das suas ideias e intenções. A professora afirma, ainda, que não se deve pensar em espaço meramente contemplando a questão física, mas sim como dimensão de ambiente. Essa questão é melhor esclarecida no artigo “Criança quer mais do que espaço”. Utilizando-se da distinção que Fornero (1998, apud HADDAD; HORN, 2011) faz entre espaço e ambiente, as autoras esclarecem que o espaço toma uma conotação diferente e ampliada. Passa a ser entendido não só a partir de sua dimensão física e funcional, mas principalmente em sua dimensão relacional em virtude dos afetos estabelecidos ali e das vivências interpessoais entre adultos e crianças, ou seja, numa perspectiva mais subjetiva.

Os espaços na educação infantil não devem ser indiferentes ou insensíveis aos sujeitos que neles interagem e vivenciam as mais variadas experiências. Precisam ser estruturados considerando as interações que ali ocorrem ou ocorrerão. Nesta dimensão o espaço passa a ser a esfera que contém não apenas objetos sem vida como mobília, objetos e outros materiais, mas o lugar que envolve e que é envolvido pelos afetos, sentidos e emoções ali experimentados e vividos. Dessa forma, o espaço revela assim a sua capacidade educativa. E se o espaço tem esta capacidade, ele em si, é um dos eixos que devem compor a proposta curricular para educação infantil.

A organização dos espaços/ambientes também é reveladora das concepções que os adultos têm sobre a criança. Se o adulto considera as especificidades das etapas do desenvolvimento infantil ou não, ou se apoia e incentiva a autonomia, a ação exploradora típica do comportamento infantil e a criatividade das crianças. A maneira como os ambientes são organizados, expressa ainda, a atenção e os objetivos educativos que a equipe gestora e pedagógica tem ou teve ao pensar e criar ou não estes espaços. Expressa, acima de tudo, o lugar que a brincadeira ocupa no projeto pedagógico das instituições de educação infantil.

DESENVOLVIMENTO DO PROJETO “ARTES NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O ATELIÊ MÁGICO”

O Projeto “Artes na educação infantil: o Ateliê Mágico” foi desenvolvido no estágio em Educação Infantil. As sessões ocorriam duas vezes por semana (nos dias de quarta e quinta-feira), nos meses de setembro, outubro e novembro, totalizando 18 (dezoito) encontros: 3 (três) sessões para a observação, 2 (duas) para a revitalização da sala de artes Ateliê Mágico e 13 (treze) para atividades educativas com a turma contemplada.

O objetivo central do projeto foi possibilitar às crianças produções artísticas através da imaginação fazendo uso do ateliê mágico como espaço ideal para as produções. As ações específicas corresponderam na revitalização da sala de artes

Ateliê Mágico, promoção da produção artística das crianças a partir da imaginação e a avaliar do grau de satisfação das crianças diante de suas produções.

A ação inicial do projeto correspondeu à revitalização da sala de artes Ateliê Mágico e para atingir esse objetivo foi necessária a remoção de toda a mobília, em seguida, o ambiente foi totalmente reformado (tanto a parte interna, quanto a externa da sala). O intuito foi garantir que as crianças explorassem o ambiente com melhores condições, pois foi percebido que a sala infelizmente não tinha manutenção.

Parte do processo da revitalização pode ser visto nas imagens a seguir:

ATELIÊ MÁGICO

Antes



Depois



Fonte: Instituição Pública da Rede Municipal de Ensino de Maceió-AL que possibilitou o estágio supervisionado.



Fonte: Instituição Pública da Rede Municipal de Ensino de Maceió-AL que possibilitou o estágio supervisionado.

A revitalização da sala de artes Ateliê Mágico foi um momento bastante satisfatório. Acreditamos que esta valiosa contribuição, tanto ao nosso projeto de intervenção, quanto para as crianças da referida instituição, sirva para que a linguagem artística seja vivenciada pelos educadores e crianças com muita fruição.

Após organizar o espaço, já na terceira sessão, conversamos com as crianças e explicamos sobre o que seria o projeto: a arte pela imaginação. As crianças foram desde o início muito receptivas e demonstraram bastante interesse pela proposta que iria ser desenvolvida com a total participação delas. Através de uma roda de conversa, perguntamos as crianças o que era arte. As respostas dadas foram as mais diversificadas: “arte é cor”; “pincel”; “tinta”; “pintura”. Neste momento realizamos uma dinâmica de apresentação.

Todas as crianças ficaram sentadas no chão em círculo. Explicamos a dinâmica e uma criança iniciou dizendo o seu nome e fazendo um gesto ao mesmo tempo (ex.: Amanda e batia palmas) a segunda criança imitou o que fez a primeira criança em seguida disse o seu nome e fazia outro gesto (ex.: Amanda + palmas; Leticia + abrir os braços) e assim sucessivamente. Todas as crianças estavam tão concentradas para falar os nomes dos coleguinhas, foi um momento em que houve a total participação.

Em seguida, fizemos a leitura de uma literatura infantil intitulada “Cores das cores” de Arthur Nestrovski. As crianças eram questionadas por nós para identificar as cores e as situações apresentadas na obra. De maneira bem recíproca, as crianças identificaram as cores fazendo relação com as frutas, comidas e imagens que já conheciam. Ao final, propomos a construção de um mosaico, explicamos como era feita a técnica. Utilizando lápis de cor e papel ofício as crianças escolheram as cores e produziram seu próprio mosaico.

Nos demais encontros, usávamos essencialmente a literatura infantil com temas voltados para as artes visuais, explorávamos as capacidades seletivas das cores que estavam disponíveis tanto com lápis de cor (madeira e cera), quanto com as tintas guache.

Cada criança produzia a sua arte utilizando as cores que consideravam mais agradáveis, produziam com muita sensibilidade, imaginação e fruição. Nos momentos de finalização das sessões, conduzíamos as crianças para apreciar a obra de seus colegas, expondo o material no ateliê mágico.

Na nona sessão mostramos para as crianças através de figuras as cores quentes e cores frias. “As cores quentes são psicologicamente dinâmicas e estimulantes como a luz do sol e o fogo. Sugerem vitalidade, alegria, excitação e movimento. As cores frias são calmantes, tranquilizantes, suaves e estáticas, como o gelo e a distância.” (Wundt). Após a explicação fizemos com as crianças um painel com as cores quentes e cores frias. Utilizamos papel 40kg, cartolina, revistas, tesourinha sem ponta, plaquinhas coloridas e cola.

No encontro seguinte, confeccionamos com as crianças um livrinho sem palavras utilizando as cores quentes e cores frias que foram apresentadas na sessão anterior. As crianças puderam pintar as páginas do livrinho com as cores que desejaram. Como cada cor representa uma situação (dia quente – amarelo; comida, corrida - vermelho; azul – o céu), conforme explicamos, todas as crianças puderam inventar histórias. No final, cada criança compartilhou uma história (como livro sem palavras) como fruto da imaginação, os objetivos do projeto estavam sendo alcançados.

Confecção de um livrinho colorido sem palavras:



Fonte: Instituição Pública da Rede Municipal de Ensino de Maceió-AL que possibilitou o estágio supervisionado.

No encerramento do projeto, as crianças puderam compartilhar de uma canção bastante ligada à temática: “Aquarela de Toquinho”. Pedimos para que apreciassem a música e identificassem os objetos que estavam citados na canção e depois os desenhassem livremente. Ex. *“numa folha qualquer eu desenho um sol amarelo e com cinco ou seis retas é fácil fazer um castelo...”*. As crianças produziram sua arte ao som da música e em todo o tempo, comparavam com os colegas os objetos que haviam desenhado.

Na culminância do projeto fizemos a exposição das produções elaboradas ao longo das sessões. As crianças demonstraram muita satisfação durante a aplicação do projeto, pois, puderam utilizar materiais diversos para a produção da sua arte e principalmente fazer uso da imaginação e da criatividade. A professora da turma também percebeu um impacto positivo com o projeto pela possibilidade de trabalhar a linguagem artística, através do imaginário da criança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este projeto foi realizado com o principal objetivo de favorecer as crianças da referida instituição, o aproveitamento mais significativo da sala de artes Ateliê Mágico e principalmente favorecer a uma das turmas do jardim II, do turno matutino, a produção de artes partindo da própria imaginação.

A proposta foi pensada a partir da observação de como era produzida a arte das crianças como um todo, pois, as propostas que expressavam a linguagem artística, eram oferecidas por meio de folhas mimeografadas, e deveriam ser pintadas pelas crianças com as mesmas cores utilizando apenas giz de cera.

A instituição demonstrou muita receptividade, para que nós estagiárias, pudessemos realizar o nosso projeto de intervenção, isso sem dúvida foi um dos pontos mais significativos para o desenvolvimento e conclusão do projeto.

As sessões com as crianças nos ajudaram a ter um olhar bem direcionado ao trabalho pedagógico da Educação Infantil no que se refere à linguagem artística, nos fazendo lembrar (FERREIRA, 2009, p.30), quando afirma *que “As oficinas de construção para as crianças são espaços lúdicos na perspectiva de um fazer criativo.”* E o nosso projeto pretendeu exatamente isso: a possibilidade de um fazer criativo pensado, concretizado e apreciado pela própria criança.

Reconhecemos ainda o quanto é importante desenvolver ações que explorem todas as linguagens, permitindo principalmente que as crianças realizem reflexões acerca das atividades propostas pelo professor. Evitar as “atividades prontas”, como é o caso das pinturas observadas nas salas de referência da instituição, que não oferecem espaço para as interpretações e que limitam a criatividade das crianças.

O projeto teve um impacto bastante positivo, principalmente nas sessões finais quando as crianças, em contato com o livro sem palavras construído coletivamente, começaram a imaginar, criar, compartilhar histórias que refletiam as experiências do cotidiano, experiências que estavam guardadas e que gostariam de expressar naquele momento tão prazeroso para todos os envolvidos no projeto.

Enfim, consideramos que um projeto capaz de adentrar no mundo imaginário da criança, traz contribuições importantíssimas para a formação dos profissionais da Educação infantil, pois, o que está sendo expresso nas produções das crianças não são apenas riscos e rabiscos, mas há principalmente a expressão de suas ideias, seus desejos, seus pensamentos e sentimentos (FERREIRA, 2009).

REFERÊNCIAS

CIPIS, M; NESTROVSKI, A. Cores das cores. Edição, Editora Cosac Naify, São Paulo, 2006.

FERREIRA, Paulo Nin. O espírito das coisas: um estudo sobre assemblage infantil. Dissertação de mestrado. São Paulo. FE/USP, 2009.

GIANNOTTI, Sirlene. Dar forma é formar-se: processos criativos na arte e na infância. Dissertação de mestrado. São Paulo, FE/USP, 2008.

GONÇALVES, Cristiane Januário; ANTÔNIO, Débora Andrade. As múltiplas linguagens no cotidiano das crianças. Revista Zero a Seis, Florianópolis – UFSC, nº 16, jul/dez, 2007.

HOHMANN, Mary; WEIKART, DAVID P. – **Educar a Criança**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995.

HADDAD, Lenira ; Horn, Maria da Graça Souza . **Criança quer mais do que espaço**. Educação (São Paulo), v. 1, p. 42-59, 2011.

HADDAD, Lenira. **O modelo de estágio supervisionado em Educação Infantil realizado na UFAL** (Maceió, CEDU/UFAL), 2012.

MCDONNELL, P. Artur faz arte. Editora: Girafinha; 1ª edição, São Paulo, 2006.

NICOLAU, Machado (org). Oficinas de sonho e realidade na formação do educador da infância, Campinas: Papirus, 2003. – (Coleção Papirus Educação)

OSTROWER, Fayga. Acasos e Criação artística. 2º ed. Rio de Janeiro: Campus, 1995.

_____. A sensibilidade do intelecto: visões paralelas de espaço e tempo na arte e na ciência, a beleza essencial. 6ºed. Rio de Janeiro: Campus, 1998.